

O PSICÓLOGO NO ESPAÇO ESCOLAR: ALGUMAS POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO

Fernandes Gabriel Leal¹

Natasha Pinheiro Barbosa Toledo²

natasha.pinheiro.barbosa@gmail.com

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências Humanas

RESUMO

Este artigo, desenvolvido a partir de um estágio supervisionado em Psicologia Escolar realizado em duas escolas do interior de Minas Gerais, teve como objetivo descrever possibilidades de atuação do psicólogo no contexto escolar. Utilizando uma abordagem quali-quantitativa e descritiva, o estudo evidenciou a importância desse profissional na promoção da saúde mental e no fortalecimento das relações entre toda a comunidade escolar. Os resultados apontaram desafios como a resistência de algumas famílias e a limitada presença do psicólogo nas escolas, o que dificulta a implementação de projetos. Destaca-se, ainda, a necessidade de pesquisas futuras sobre o burnout entre psicólogos escolares.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Escolar; Saúde mental; Estudantes brasileiros.

1 INTRODUÇÃO

Conforme o CFP (Conselho Federal de Psicologia, 2007, 2019), o papel do psicólogo escolar está associado à realização de pesquisas, diagnósticos e intervenções preventivas ou corretivas de problemas sociais, emocionais e educacionais, tanto em grupo quanto individualmente. Ele colabora com a coordenação escolar na elaboração, avaliação e aplicação de projetos educativos e associados à saúde mental entre os estudantes e funcionários da escola. Além do mais, ele participa de programas de orientação profissional e auxilia na criação de programas voltados à inclusão de alunos com necessidades especiais.

De acordo com Castro, Barata e Alexandre (2025), o ambiente escolar é marcado tanto pelo desenvolvimento cognitivo do sujeito quanto pelo processo de socialização e por conflitos interpessoais. Neste sentido, o investimento em projetos de desenvolvimento de competências sociais e emocionais no ambiente escolar é de

¹ Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Vértice – UNIVÉRTIX

² Psicóloga, Especialista em Docência do Ensino Superior e Professora do Curso de Psicologia no Centro Universitário Vértice Univértix.

suma importância para que o estudante se sinta valorizado nesse contexto, isto é, sentir-se amado. Este sentimento de bem-estar, por sua vez, favorece uma ampliação da curiosidade e da motivação para o sucesso acadêmico. Por outro lado, o sujeito que não se sente acolhido pela escola, seja por bullying ou por relações ruins com o corpo docente tende a ter uma experiência oposta (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, 2021).

Segundo Faria e Silva (2024), a promoção da saúde mental dos jovens, sobretudo, em idade escolar é uma necessidade urgente no mundo inteiro. E esta relação existe, porque, conforme apontou a OMS (Organização Mundial de Saúde, 2025), 1 em 7 jovens (14,28%) com idades entre 10 e 19 anos sofre com algum tipo de transtorno mental no mundo inteiro. Uma pesquisa realizada por Paula, Duarte e Bordin (2007) no contexto brasileiro — mais especificamente em uma região periférica de São Paulo — demonstrou uma estatística descritiva um pouco maior: cerca de 24,6% de uma amostra composta por 479 crianças e adolescentes, em uma faixa etária de 6 a 17 anos, apresentou problemas de saúde mental.

Diante disto, surge a seguinte indagação: quais são as principais possibilidades de atuação do profissional em Psicologia Escolar apontadas pela literatura? A relevância desta pesquisa justifica-se pelo fato de que as ações deste profissional estão extremamente relacionadas à promoção da saúde mental, elemento que favorece a aquisição de conhecimento e à qualidade das relações no ambiente escolar, como apontou a OCDE (2021).

Outrossim, esse trabalho é resultado de uma disciplina de estágio em Psicologia Escolar. Disciplina essa que constitui-se como um recurso essencial para a reflexão sobre o trabalho do psicólogo nas escolas. Apesar do crescimento das discussões sobre o tema e da ampliação da inserção do psicólogo na educação básica brasileira, observa-se uma lacuna: a produção científica encontra-se dispersa, abordando de forma fragmentada as práticas e desafios da área.

Assim sendo, o objetivo geral dessa pesquisa foi descrever algumas possibilidades de atuação do psicólogo no ambiente escolar. Trabalhos como esse são importantes para estimular reflexões sobre o compromisso social da profissão e incentivar a implementação de políticas públicas em saúde mental neste ambiente.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em meados da década de 1930, a Psicologia se inseriu nas escolas brasileiras através de um modelo clínico e adaptacionista, focado no diagnóstico do "aluno-problema". Essa prática tradicional, baseada em testes psicométricos e visões reducionistas, tendia a culpabilizar o estudante por suas dificuldades, desconsiderando a sua história de vida (CFP, 2016).

A partir da década de 1970 esse cenário começa a mudar nas escolas. O foco do trabalho do psicólogo deixa de ser diagnosticar doenças e identificar o "aluno-problema", mediante atendimentos individualizados e passa a buscar entender as relações do sujeito com a escola como um todo. Assim, priorizou-se estratégias coletivas como rodas de conversa, grupos de apoio e intervenções integradas com professores e famílias (Antunes; Fribida; Vasconcellos *apud* Negreiros e Ferreira, 2021; CFP, 2016; Facci e Caldas, 2023; Silva, 2022).

Embora o psicólogo atue nas escolas brasileiras desde o século passado, a obrigatoriedade da sua presença nesse meio só apareceu, em lei, no país em 2019 (BRASIL, 2019). E, conforme apontou Fialhe e Rodrigues (2023), o Brasil tem encontrado dificuldades para a implementação da Lei Nº 13.935/2019, de 11 de dezembro de 2019. Segundo os autores, os obstáculos para a implementação da lei incluem: a enorme demanda de alunos por psicólogo e a falta de recursos para a contratação de profissionais qualificados.

Um dos pilares da atuação do psicólogo no desenvolvimento de práticas associadas à saúde mental na escola é o combate ao processo de patologização dos alunos, o qual transforma questões sociais e pedagógicas em distúrbios biológicos individuais. A medicalização excessiva ignora conflitos sociais e esvazia os significados das relações sociais na escola, visto que ela busca respostas farmacológicas para problemas que exigem mudanças nas práticas de ensino e nos relacionamentos interpessoais (CFP, 2016; CFP, 2019; Negreiros e Ferreira, 2021; Scarin e Souza, 2020).

Além disso, boas atuações em Psicologia Escolar envolvem também a evitação de diagnósticos precipitados e a mobilização de estratégias para que hipóteses diagnósticas não se tornem estigmas que comprometam o desempenho e a

permanência do aluno na escola (CFP, 2023; Faria e Silva, 2024; Negreiros e Ferreira, 2021). O psicólogo escolar também contribui para a saúde de estudantes e funcionários ao atuar de forma preventiva e corretiva em relação a problemas. Além disto, a sua atuação é holística. Isto é, considera as características da escola como um todo durante as intervenções, e não apenas as características de um único indivíduo (CFP, 2016).

A saúde mental no ambiente escolar não deve ser compreendida apenas como ausência de sintomas, mas como um processo fortemente vinculado à qualidade das relações interpessoais (Faria e Silva, 2024; Félix, 2023). Neste sentido, o psicólogo ocupa uma enorme relevância para a qualidade dos relacionamentos presentes no contexto acadêmico, visto que ele é um dos principais mediadores de conflitos. Sob esta perspectiva, o psicólogo escolar atua rompendo com o fenômeno da culpabilização excessiva para estimular processos de tomada de responsabilidade e resolução pacífica de problemas (Silva, 2022).

Fialhe e Rodrigues (2023) destacam ainda que o psicólogo atua como mediador de conflitos ao ajudar os pais e professores a não confundirem manifestações de sofrimento dos jovens com mau comportamento. De acordo com Lima e Monteiro (2023), atuar na prevenção de problemas significa identificar precocemente sintomas negativos, bem como os de ansiedade e depressão, dentre outros, para desenvolver estratégias de enfrentamento. Mezzalira, Fernandes, Santos (2021), Fonseca e Negreiros (2021) destacam também a Psicologia Escolar como uma área que se concentra em mediar conflitos e combater o bullying. Através de oficinas, por exemplo, o psicólogo pode incentivar a solidariedade e o respeito às diferenças.

Negreiros e Ferreira (2021) destacam também que a Psicologia Escolar é extremamente útil para o bem-estar escolar ao desenvolver programas associados à promoção de autoconhecimento, comunicação assertiva, tomada de decisão, pensamento criativo, elaboração de formas para lidar com emoções e sentimentos, empatia e pensamento crítico.

Além do mais, a Psicologia Escolar oferece acolhimento e suporte emocional em situações críticas, bem como autolesão, ideação suicida e luto, dentre outras (Lima e Monteiro, 2024; Santos, Pulino e Ribeiro, 2021). O CFP (2023) acrescenta ainda

que o psicólogo escolar atua em ações e projetos de enfrentamento de preconceitos, orientando as equipes educacionais na promoção de ações necessárias à superação de estigmas que comprometam o desempenho escolar dos educandos.

No que se refere à promoção de saúde mental no corpo docente, Uchôa *et al.* (2021) apontam que a Psicologia Escolar pode atuar identificando sinais de adoecimento mental relacionado ao trabalho, bem como estresse e síndrome de burnout e, posteriormente, promover ações de acolhimento dos professores. O profissional da área também pode criar grupos de apoio e rodas de conversa para que os funcionários da escola possam expressar suas angústias e fortalecer vínculos (Negreiros e Ferreira, 2021).

O psicólogo escolar também pode auxiliar os docentes a refletirem sobre a subjetividade de seus alunos para construir práticas educativas mais humanizadas e, posteriormente, melhorar os vínculos com os estudantes (CFP, 2016; Negreiros e Ferreira, 2021; Uchôa *et al.*, 2021).

Outrossim, Albuquerque e Aquino (2021) destacam que o psicólogo escolar contribui para o desenvolvimento cognitivo e emocional do estudante, assim como na melhoria das relações interpessoais no contexto escolar ao fazer reuniões com a família, o professor e o aluno. Nestas reuniões, o psicólogo juntamente com o professor tenta ajudar os pais a compreenderem um determinado comportamento do filho e orienta os responsáveis quanto a estratégias psicológicas para a resolução de problemas envolvidos em um determinado comportamento do jovem.

No que diz respeito ao combate do *bullying*, o psicólogo ocupa uma posição central. Neste sentido, ela atua compartilhando conhecimentos que rompam com os estereótipos sustentadores de relações preconceituosas que podem contribuir para a intolerância e a perseguição entre os pares (Francisco e Coimbra, 2015).

Para Gomes (2022), a atuação no combate ao *bullying* não pode se basear integralmente no modelo punitivo. Ela deve focar também na construção coletiva de ações que promovam a empatia, a solidariedade e o respeito às diferenças entre os pares. O autor aponta ainda que, ao atuar de forma holística, o psicólogo contribui para que a escola se configure como um espaço de desenvolvimento, onde os

conflitos interpessoais possam ser resolvidos por meio do diálogo e da compreensão da subjetividade dos envolvidos.

A inclusão dos estudantes com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um outro exemplo de ação associada à promoção da saúde mental pelo psicólogo nas escolas. Neste sentido, o CFP (2016) aponta como exemplo de inclusão do autista a realização de atividades grupais que unam atípicos e neurotípicos para o treino prático de habilidades sociais e de comunicação. Costa, Schmidt e Camargo (2023) acrescentam ainda que este tipo de atividade fortalece os vínculos sociais, isto é, evita que o portador de TEA fique isolado socialmente.

Outra prática inclusiva, na visão de Costa, Schmidt e Camargo (2023), é a construção de um plano curricular adaptado às necessidades autistas. A primeira etapa para a criação deste plano de ensino consiste em definir o nível de desempenho atual do educando, descrevendo detalhadamente como a condição mental do aluno afeta seu envolvimento e progresso nas áreas acadêmicas. Para isso, utiliza-se instrumentos objetivos de avaliação, como o Inventário de Habilidades Escolares, que mapeia competências em comunicação oral, leitura, escrita, raciocínio lógico-matemático e informática.

A construção do plano deve ser obrigatoriamente colaborativa, reunindo professores; a coordenação escolar e a família em reuniões. O envolvimento dos pais é crucial, pois permite que a equipe reconheça as dificuldades do aluno e utilize recursos associados a assuntos de interesse do autista, como estímulos para a aprendizagem. Neste plano, podem ser utilizados objetos, jogos e situações do dia a dia como ferramentas de ensino (Costa, Schmidt e Camargo, 2023; Weizenmann, Pezzi e Zanon, 2020).

Portanto, a literatura evidencia que o psicólogo ocupa um papel essencial para a manutenção do bem-estar nas escolas. Isto porque a sua atuação holística permite atribuir significados profundos as relações interpessoais que ocorrem dentro do ambiente, demonstrando que a origem de um problema não está apenas em um indivíduo isolado, e sim na cadeia de relações estabelecidas dentro do contexto escolar (CFP, 2016; CFP, 2019; Negreiros e Ferreira, 2021; Scarin e Souza, 2020). Assim, é urgente a aplicação integral da Lei nº 13.935/2019, visto que o trabalho do

psicólogo quando bem realizado reforça os vínculos entre os pares, rompe preconceitos e estigmatizações (CFP, 2023; Negreiros e Ferreira, 2021).

3 METODOLOGIA

Esse trabalho se trata de uma pesquisa descritiva e possui uma abordagem quali-quantitativa. Segundo Rana e Chimoriya (2025), o estudo quali-quantitativo ou método misto une a profundidade interpretativa ao uso de dados estatísticos na coleta e análise de dados. Já as pesquisas descritivas, servem para analisar as características de um fenômeno e entender como ele se manifesta (Sampiere; Collado e Lucio, 2013).

Como critério de inclusão utilizou-se artigos científicos, livros, cartilhas e documentos que tratam da temática envolvendo o papel do psicólogo nas escolas. Já como critério de exclusão, optou-se por não utilizar materiais que abordassem o público universitário, no intuito de alinhar as informações da literatura científica com as especificidades oriundas das observações feitas nas escolas, as quais incluíram apenas o público infantil.

Essa pesquisa resultou do cumprimento da disciplina de estágio supervisionado em Psicologia Escolar do curso de Psicologia do Centro Universitário Vértice (UNIVÉRTIX). A observação foi realizada durante 40 horas em duas escolas municipais do interior mineiro, no intuito de compreender como ocorre a atuação do psicólogo no contexto escolar.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a elaboração dos resultados e discussões acerca do trabalho do psicólogo no contexto escolar, foram utilizadas informações obtidas mediante a realização de estágio supervisionado em duas escolas municipais do interior mineiro. Outrossim, esta modalidade de estágio contou não só com 40 horas de supervisão de campo, como também com 40 horas de orientação teórica.

Inicialmente, foi feita uma reunião com a psicóloga escolar. Neste sentido, a profissional explicou um pouco sobre os desafios enfrentados pelo psicólogo nas escolas. Segundo ela, ainda existe um forte tabu associado à profissão por parte de

muitos pais. Sob esta perspectiva, eles reduzem muito a profissão a ao cuidado do indivíduo com comportamentos socialmente desajustados (estranhos) e colocam muita resistência para que os filhos participem de intervenções associadas à Psicologia. Por este motivo, para evitar confusões, a profissional sempre pede autorização dos pais antes de fazer qualquer intervenção com as crianças.

Essa visão, por sua vez, é, de acordo com Praça e Novaes (2004) uma percepção característica do pensamento social brasileiro há cerca de duas décadas anteriores à atual. Além disto, tal perspectiva ignora a amplitude dos potenciais de atuação da profissão, os quais envolvem diversos elementos, tais como a promoção de qualidade de vida, autoconhecimento, prevenção de problemas, eliminação de negligências; discriminações; explorações e violências diversas, por exemplo (CFP, 2005).

Outro empecilho posto ao desenvolvimento das crianças por parte dos pais é a realização dos deveres de casa de seus filhos autistas, segundo a profissional. Ela completou ainda que muitos dos pais não conseguem aceitar diagnósticos de autismo em seus filhos, colocando barreiras para que eles frequentem a instituição de ensino que mais atende às necessidades das crianças, ou seja, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).

Além do mais, a psicóloga apontou o que é inclusão na visão dela. A inclusão ocorre, em seu ponto de vista, quando o sujeito obtém aquilo que ele precisa. Para ela, apenas inserir um indivíduo excepcional em meio aos neurotípicos não é suficiente se o local não oferece serviços alinhados às necessidades especiais do aluno, bem como o método ABA (Análise do Comportamento Aplicada).

Outrossim, a psicóloga apontou a dificuldade em executar projetos devido ao pouco tempo em que ela fica nas escolas. A escassez de tempo para a realização do trabalho existe, porque há apenas 1 psicóloga para 4 escolas municipais de educação infantil na cidade em que ocorreram as observações do estágio. Uma outra falha do sistema educacional, segundo ela, é a contratação de monitores de apoio aos autistas, os quais não possuem formação nenhuma em educação infantil ou ABA.

De acordo com um dado publicado pelo CFP (2023), dos 5.570 municípios do Brasil, apenas 85 cumprem a Lei nº 13.935/2019, referente à obrigatoriedade da

inserção de psicólogos nas escolas públicas do Brasil. Além disso, proporção de profissionais qualificados por aluno é de 1 para 1.910. Estima-se que esta estatística se agrava ainda mais em estados mais pobres, como o Amazonas. Outrossim, o conselho aponta que os serviços em Psicologia Escolar no país não atingem nem 0,1% dos estudantes.

Ademais, Uchôa *et al.*, (2021) defendem que o trabalho de tal profissional encontra empecilhos devido ao número elevado de solicitações por parte da coordenação escolar de atendimentos individuais. Esta situação, por sua vez, dificulta o desenvolvimento de ações preventivas com a coletividade de alunos para prevenir adoecimentos e condutas violentas, como também o trabalho psicoeducativo com o corpo docente.

Somado a tudo isso, observou-se que as escolas municipais da cidade não recebem testes psicológicos, elementos essenciais para o exercício do profissional em Psicologia Escolar. Este fator, por sua vez, atrasa intervenções sobre construtos importantes, bem como saúde mental e estresse infantil, de acordo com a psicóloga. A experiência de estágio também envolveu um acompanhamento de uma reunião entre a coordenação escolar, a psicóloga e duas mães para a abordagem de episódios de raiva e indisciplina de dois alunos na escola, assim como a relação de tais crianças com a família.

Nesse sentido, as profissionais não só realizaram um acolhimento das mães, as quais estavam em sofrimento devido a indisciplina de seus filhos, como também se comprometeram o máximo possível com o desenvolvimento das crianças. Em conformidade com Gomes, Carvalho e Silva (2021), o acolhimento ocorre mediante uma escuta atenta à história de vida do sujeito e livre de julgamentos. Ademais, ele também está associado à validação do sofrimento do outro. Isto é, ele acontece quando o ouvinte não compara a dor do sujeito com a de outras pessoas, na expectativa de tratar suas perturbações como pequenas.

Essa prática observada, por sua vez, demonstrou que o psicólogo escolar exerce uma função que ultrapassa o simples atendimento individual do estudante. Isto é, ela serviu para ilustrar que o exercício profissional na área é essencialmente holístico. Ele interliga toda a comunidade escolar, incluindo a coordenação, os

professores, as famílias e os próprios alunos, conforme instrui o CFP (2016). Para Fieas *et al.*, (2021), a atuação do psicólogo escolar tem se aperfeiçoado ao longo dos anos, distanciando-se do modelo clínico focado em diagnósticos para focar em uma perspectiva holística e preventiva dos conflitos interpessoais para fortalecer o processo de ensino-aprendizagem. Fialhe e Rodrigues (2023) acrescentam também que o psicólogo escolar desempenha um papel crucial na promoção da saúde mental e no engajamento acadêmico dos estudantes à medida que identifica conflitos diversos, bem como ansiedade; depressão; bullying, dentre outros, e elabora intervenções para tais eventos.

Outra intervenção que se foi possível de acompanhar nas duas escolas ao longo das 40 horas práticas de estágio foram intervenções contra comportamentos agressivos, tais como bater, morder e empurrar. Estas intervenções foram feitas de modo colaborativo em uma equipe composta por 4 estagiários e a psicóloga escolar. Em um primeiro momento, os estagiários montaram um teatro de fantoches contendo uma narrativa sucinta, clara e lúdica, no intuito de atrair a atenção das crianças. A história envolveu um conflito pelo uso de um brinquedo e teve três personagens com funções estratégicas, para o propósito educativo, bem como vítima, agressor e mediador do conflito. O roteiro da peça e a seleção dos fantoches passaram pela aprovação da profissional e, em um momento posterior, o teatro foi encenado por três estagiários e narrado por um estagiário.

Tal processo também contou com um ensaio prévio das falas de cada personagem, o qual foi acompanhado pela psicóloga escolar e também obteve autorização das professoras antes de sua aplicação. Para a realização da encenação, os estagiários utilizaram três recursos: uma mesa, uma toalha de mesa e os fantoches em si. Neste sentido, a equipe se posicionou debaixo da mesa, de modo a esconderem os seus corpos e trazerem a atenção das crianças para os fantoches. As crianças prestaram bastante atenção durante a intervenção e, ao final, alegaram ter gostado muito. Logo, o teatro de fantoches funcionou com um incentivo para prevenir e auxiliar as crianças a mediar conflitos futuros e tornar a escola um ambiente mais humanizado. A mediação de conflitos no contexto escolar, de acordo com o CFP

(2019), pode culminar em um senso de pertencimento do estudante à escola. Isto é, o sujeito tende a não se sentir sozinho ou inadequado no local.

Como dissertam Silva *et al.*, (2024), a ludicidade é um elemento essencial para o processo de formação das crianças, pois é por meio dela que tais indivíduos conseguem assimilar habilidades sociais, emocionais, motoras e cognitivas. Ginsburg (2007) destaca também que o brincar configura-se como uma estratégia para a aquisição de autoconfiança por parte do sujeito em fase infantil. E isto ocorre, porque é através deste ato que a criança simula papéis adultos e à medida que adquire novas habilidades e conhecimentos sobre o mundo desenvolvem confiança em si mesmas e resiliência para enfrentar desafios.

De certa forma a intervenção envolvendo o teatro de fantoches também se configurou como um recurso psicoeducativo ao ensinar as crianças a se comunicarem de forma assertiva. Segundo Awate e Rukumani (2021), assertividade trata-se de uma expressão legítima e honesta dos próprios direitos, sentimentos, crenças e interesses, sem violar ou negar os direitos dos outros. Além disto, embora ela possa ser uma habilidade mais fácil de executar para algumas pessoas; todos possuem a capacidade de desenvolvê-la. Beck (2022) acrescenta ainda que a psicoeducação consiste em um fornecimento de informações da ciência psicológica ao sujeito para transformá-lo no seu próprio terapeuta. Sob a perspectiva de Leite (2022), tal prática permite uma ampliação da competência crítica da comunidade escolar, mediante a democratização do conhecimento psicológico.

Apesar das identificações de contribuições do psicólogo escolar para o desenvolvimento estudantil, a observação indicou que o profissional da área ainda encontra desafios para o pleno exercício de sua função. Dentre estes desafios, foram observados os seguintes: a sobrecarga laboral e a desvalorização da Psicologia Escolar por parte dos próprios funcionários, os quais reduziram a área muitas vezes à correção de alunos indisciplinados. Esta visão reducionista, por sua vez, atrapalha a intervenção do psicólogo escolar, a qual é por natureza holística; ou seja, que considera que nenhum fenômeno psíquico é isolado do âmbito social (Cikara; Martinez e Lewis Jr., 2022).

Desse modo, as observações feitas a campo demonstraram que o psicólogo escolar é um profissional extremamente necessário para as escolas, dado que ele possui ferramentas terapêuticas capazes de promover o bem-estar mental dos jovens. E, o período escolar é uma fase da vida, na qual crianças e adolescentes vivem intensamente inquietações associadas à inserção em um ambiente com aspectos que fogem da rotina; ao bullying e à pressão por desempenho acadêmico (Fialhe e Rodrigues, 2023; Horanicova *et al.*, 2024).

Por esse motivo, os psicólogos deveriam ser mais valorizados, em termos de contratações para poderem lidar com a enorme demanda por saúde mental que o ambiente exige. Ademais, a desconstrução da ideia reducionista do papel do psicólogo à correção do “aluno-problema” é um desafio que poderia ser combatido na formação dos professores, a fim de permitir que as intervenções do psicólogo escolar sejam contextuais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa evidenciou importantes contribuições do psicólogo escolar para a prevenção e o enfrentamento de problemas sociais, emocionais e educacionais. Dentre os principais achados, destacou-se a dificuldade do profissional em desenvolver projetos nas escolas em razão da escassez de contratações e da reduzida disponibilidade de tempo para atuação. O estudo também reforçou que a prática do psicólogo escolar possui caráter essencialmente holístico, voltando-se à compreensão das relações estabelecidas entre alunos, famílias, profissionais e toda a comunidade escolar.

Além disso, observou-se a permanência de estigmas relacionados à Psicologia por parte de algumas famílias, que ainda associam o trabalho do profissional ao atendimento de indivíduos considerados “problemáticos”. Por fim, sugere-se a realização de novos estudos sobre o burnout enfrentado pelos psicólogos escolares, bem como o fortalecimento de ações que promovam a efetiva implementação da Lei nº 13.935/2019 nas instituições de ensino.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, J.A.; AQUINO, F.S.B. Psicologia escolar e relação família-escola: um estudo sobre concepções profissionais. **Psicologia em Pesquisa**, v. 15, n. 1, p. 1-22, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/view/29033>. Acesso em: 8 mar. 2026.

ANDRADE, R.B. **ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITO CONTRA PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**. 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Faculdade de Psicologia — Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2022. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/15945/2/RAQUEL_BARCELOS_ANDRADE.pdf. Acesso em: 29 abr. 2026.

AWATE, S.K.; RUKUMANI, J. ASSERTIVENESS, SELF-ESTEEM AND INTERPERSONAL COMMUNICATION. **The Genesis**, v. 8, n. 2, p. 12-20, 2021. Disponível em: https://anapublishingprivate.com/wp-content/uploads/2021/07/article_3_tg_april_june_2021_-mr.-sunil-kumar-awate__dr_j_rukumani_full.pdf. Acesso em: 29 abr. 2026.

BECK, J. S. **Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática**. 3ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019**. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. Brasília, DF: Diário Oficial da União. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/l13935.htm. Acesso em: 8 mar. 2026.

CASTRO, C.; BARATA, M.C.; ALEXANDRE, J. Does school climate affect students' social and emotional skills? The importance of relationships. **European Journal of Psychology of Education**, v. 40, n. 111, p. 1-33, 2025. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10212-025-01007-8>. Acesso em: 8 mar. 2026.

CIKARA, M.; MARTINEZ, J.E.; LEWIS JR., N.A. Moving beyond social categories by incorporating context in social psychological theory. **Nature Reviews Psychology**, v. 1, n. 9, p. 537-549, 2022. Disponível em: <https://par.nsf.gov/servlets/purl/10432387>. Acesso em: 29 abr. 2026.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **CFP lança nota técnica para orientar atuação da psicologia na prevenção e enfrentamento à violência em ambiente escolar**. Brasília: CFP, 2023. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/cfp-lanca-nota-tecnica-para-orientar-atuacao-da-psicologia-na-prevencao-e-enfrentamento-a-violencia-em-ambiente-escolar/>. Acesso em: 8 mar. 2026.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO**. Brasília: CFP, 2005. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2026.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Referências técnicas para atuação de psicólogos(os) na educação básica**. Brasília: CFP, 2019. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/08/EducacaoBASICA_web.pdf. Acesso em: 8 mar. 2026.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Psicologia escolar: que fazer é esse?** Brasília: CFP, 2016. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2016/08/CFP_Livro_PsinaEd_web.pdf. Acesso em: 8 mar. 2026.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **RESOLUÇÃO CFP N.º 013/2007**. Brasília: CFP, 2007. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/Resolucao_CFP_nx_013-2007.pdf. Acesso em: 8 mar. 2026.

COSTA, D.S.; SCHMIDT, C.; CAMARGO, S.P.H. Plano Educacional Individualizado: implementação e influência no trabalho colaborativo para a inclusão de alunos com autismo. **Revista Brasileira de Educação**, v.28, p. 1-25, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/PPfgrTp5g4bCWvpYLTydbMK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 mar. 2026.

FACCI, M.G.D.; CALDAS, R.F.L. ENTREVISTA COM A PROFESSORA DRA. MARILDA GONÇALVES DIAS FACCI. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 23, p. 1-7, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/qQzGkMFT6zRQFNkbyzrccNC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 mar. 2026.

FARIA, E.R.J.; SILVA, K.C.P. POLÍTICAS DE SAÚDE MENTAL E A PSICOLOGIA NO AMBIENTE ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE O ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA. **REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA DA FACULDADE DE PIRACANJUBA**, v. 4, n.7, p. 6-24, 2024. Disponível em: <https://www.eadfaf.com/revista/index.php/vl1/article/view/114>. Acesso em: 8 mar. 2026.

FÉLIX, C.M.C. O PSICÓLOGO ESCOLAR: DA DEPRESSÃO À SAÚDE MENTAL E À CIDADANIA DA CRIANÇA. **Aprender: Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, n. 30, p. 81-100, 2023. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/aprender/article/view/16233/9699>. Acesso em: 8 mar. 2026.

FIALHE, S.R.; RODRIGUES, K.L.A. INTERVENÇÕES DA PSICOLOGIA FRENTE À

ANSIEDADE INFANTIL NO AMBIENTE ESCOLAR. **Revista de Saúde Multidisciplinar**, v. 15, n. 2, p. 73-80, 2023. Disponível em: <https://revistas.famp.edu.br/revistasaudemultidisciplinar/article/view/689>. Acesso em: 8 mar. 2026.

FONSECA, T.S.; NEGREIROS, F. PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA NOS IFPIs: DEMANDAS, PRÁTICAS E INDÍCIOS DE CRITICIDADE. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 25, p. 1-10, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/tRPcQ3gj3ywjsSm3rvnx5Xy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 mar. 2026.

FRANCISCO, M.V.; COIMBRA, R.M. Análise do bullying escolar sob o enfoque da psicologia histórico-cultural. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 20, n. 3, p.184-195, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/Spkmh7NbDXJrVzpLHvkVjKx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 mar. 2026.

GINSBURG, K.R. The Importance of Play in Promoting Healthy Child Development and Maintaining Strong Parent-Child Bonds. **AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS**, v. 119, n. 1, p. 182-191, 2007. Disponível em: <https://publications.aap.org/pediatrics/article/119/1/182/70699/The-Importance-of-Play-in-Promoting-Healthy-Child?autologincheck=redirected>. Acesso em: 29 abr. 2026.

GITIMOGHADDAM, M.; CHICKINE, N.; MCARTHUR, L.; SANGHA, S.S.; SYMINGTON, V. Applied Behavior Analysis in Children and Youth with Autism Spectrum Disorders: A Scoping Review. **Perspectives on Behavior Science**, v. 45, n. 3, p. 521-557, 2022. Disponível em: https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC9458805/pdf/40614_2022_Article_338.pdf. Acesso em: 29 abr. 2026.

GOMES, F.V.F. Ações de prevenção ao bullying escolar no ensino fundamental: um relato de experiência em psicologia escolar/educacional. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 15, p. 1-14, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/37162/30959>. Acesso em: 8 mar. 2026.

GOMES, A.G.A.; CARVALHO, C.J; SILVA, D.O. **ACOLHIMENTO AO SOFRIMENTO PSÍQUICO**. Bananeiras: Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2021. Disponível em: <https://www.cchsa.ufpb.br/cchsa/editores/destaques/acolhimento-ao-sofrimento-psi-quico/cartilha-acolhimento-ao-sofrimento-psi-quico-ufpb.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2026.

HORANICOVA, S.; HUSAROVA, D.; GECKOVA, A.M.; REBICOVA, M.L.; SOKOLOVA, L.; DEWINTER, A.F.; REIJNEVELD, S. Adolescents' Wellbeing at School: What Helps and What Hinders From Feeling Safe and Satisfied? **International**

Journal of Public Health, p. 1-8, 2024. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC11649424/pdf/ijph-69-1607244.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2026.

LEITE, S.A.S. A PSICOLOGIA E A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA DEMOCRÁTICA. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 26, p. 1-14, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/YVzVvhFCygtwmp4cFnpXYRP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 abr. 2026.

LIMA, G.B.; MONTEIRO, P.D.S. EDUCAÇÃO EM SAÚDE MENTAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ESCOLAR. **Psicologia e bem-estar: Caminhos para a saúde mental**, p. 30-42, 2024. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/post/educacao-em-saude-mental-relato-de-experiencia-de-estagio-em-psicologia-escolar>. Acesso em: 8 mar. 2026.

MEZZALIRA, A.S.C.; FERNANDES, T.G.; SANTOS, C.M.L. OS DESAFIOS E AS ESTRATÉGIAS DA PSICOLOGIA ESCOLAR NO ENFRENTAMENTO DO BULLYING. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 25, p. 1-5, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/dfxS3mLkxYJ9tnSVmNQ6C5y/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 mar. 2026.

NEGREIROS, F.; FERREIRA, B. O. **Onde está a psicologia escolar no meio da pandemia?** São Paulo: Pimenta Cultural, 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Mental health of adolescents**. Genebra: OMS, 2025. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/adolescent-mental-health>. Acesso em: 8 mar. 2026.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). **Beyond Academic Learning: First Results from the Survey of Social and Emotional Skills**. Paris: OCDE, 2021. Disponível em: https://www.oecd.org/content/dam/oecd/en/publications/reports/2021/09/beyond-academic-learning_46cf4e15/92a11084-en.pdf. Acesso em: 29 abr. 2026.

PAULA, C.S.; DUARTE, C.S.; BORDIN, I.A.S. Prevalence of mental health problems in children and adolescents from the outskirts of Sao Paulo City: treatment needs and service capacity evaluation. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 29, n. 1, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/wq7zT7vwbfQZSzf36gCFfZq/?lang=en>. Acesso em: 08 mar. 2026.

PRAÇA, K.B.D.; NOVAES, H.G.V. A Representação Social do Trabalho do Psicólogo. **PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO**, v. 24, n. 2, p. 32-47, 2004. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v24n2/v24n2a05.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2026.

RANA, K.; CHIMORIYA, R. A Guide to a Mixed-Methods Approach to Healthcare Research. **Encyclopedia**, v. 5, n. 2, p. 1-11 2025. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2673-8392/5/2/51>. Acesso em: 01 mar. 2026.

SANTOS, E.A.; PULINO, L.H.C.Z.; RIBEIRO, B.S. PSICOLOGIA ESCOLAR E AUTOMUTILAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: RELATO DE UMA INTERVENÇÃO. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 25, p.1-5, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/xLhG6DdYmvq5CQKtPpFqCpF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 mar. 2026.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. D. P B. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013. E-book. ISBN 9788565848367. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788565848367/>. Acesso em: 16 out. 2025.

SCARIN, A.C.C.F.; SOUZA, M.P.R. MEDICALIZAÇÃO E PATOLOGIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: DESAFIOS À PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 24, p. 1-8, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/NK7KFMcM8Wb9fYrhQgpwj5c/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 mar. 2026.

SILVA, L.G.C.; SALVADOR, T.C.; ISOBE, R.M.R.; SILVA, N.L.; REZENDE, V.M.; COSTA, A.A.S.C. LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: IMPORTÂNCIA, PRÁTICAS E IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA. **Cadernos da Fucamp**, v. 35, p. 19 - 34, 2024. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/3582>. Acesso em: 29 abr. 2026.

SILVA, V.R. **A PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL: UMA ANÁLISE DA ATUAÇÃO DE PSICÓLOGAS (OS) ESCOLARES DO PROJETO AVANÇO DO JOVEM NA APRENDIZAGEM – AJA/MS FRENTE ÀS DEMANDAS DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA**. 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Faculdade de Psicologia — Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/retrieve/1604e671-f691-4148-b2bf-1c40b4af9bc0/Disserta%20R%20a9dua%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2026.

UCHÔA, G.A.; COSTA, A.S.; SILVA, A.B.P.; SILVA, A.P.S.B.; ROSA, D.C.C.B. Intervenção da psicologia escolar para a saúde mental do professor. **Brazilian Journal of Development**. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/retrieve/1604e671-f691-4148-b2bf-1c40b4af9bc0/Disserta%20R%20a9dua%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2026.

WEIZENMANN, L.S.; PEZZI, F.A.S.; ZANON, R.B. INCLUSÃO ESCOLAR E AUTISMO: SENTIMENTOS E PRÁTICAS DOCENTES. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 24, p.1-8, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/NwnK5kF4zM9m9XRynr53nwF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 mar. 2026.